

O MUNDO DE FRANCISCO DE ASSIS



TAGORE

Psicografado por Arison S. Teles



UNIVERSIDADE
DO AMOR

Todos os recursos arrecadados por meio deste livreto serão integralmente destinados aos trabalhos desenvolvidos pela Universidade do Amor, uma associação de amigos voluntários que buscam, por meio da troca de conhecimento com os povos indígenas e ribeirinhos do Rio Negro, praticar a essência dos ensinamentos espirituais ancestrais mais elevados.

Para conhecer mais sobre o trabalho da Universidade do Amor, acesse:

WWW.UNIVERSIDADEDOAMOR.ORG.BR



UNIVERSIDADE
DO AMOR

- *Capa desenhada pela aluna Tainá Brandão*



[@UNIVERSIDADE.AMOR](https://www.facebook.com/UNIVERSIDADE.AMOR)

Pai Francisco!

Abençoi-nos!

Evocando aquela tarde de 4 de outubro de 1226, com céu transparente e azulado, há setecentos e oitenta e quatro anos, três meses e um dia, quando vos preparáveis para o retorno ao Grande Lar, murmurastes para os poucos irmãos que vos cuidavam: – Fiz o que me cabia. E após suave pausa, entrecortada pela respiração débil, concluístes: – Que Cristo vos ensine o que vos cabe.

As Irmãs cotovias, algumas das quais vos ouviram cantar a Palavra um dia no passado, fizeram-se presentes com outras, alegres com a vossa libertação, voando em círculos sobre a choupana modesta em que vos encontráveis na amada Porciúncula.

Encerrava-se naquele momento uma parte da saga incomparável do vosso testemunho de amor ao Amigo crucificado, crucificado que também estáveis

Toda uma epopeia de sacrifícios e abnegação ficaria inscrita nas páginas da História, demonstrando quanto se pode fazer e viver sob a inspiração do amor de totalidade.

Quando, na igreja de São Damião, atendestes ao convite que Jesus vos fez, nem sequer tínheis ideia do que vos iria acontecer, mas assim mesmo seguistes adiante...

Naquele período o tédio vos dominava e os prazeres do mundo, filhos da fortuna assim como das honras da cavalaria que antes vos fascinavam, cederam lugar ao fastio, a um vazio existencial, no qual a angústia se alojava, estiolando-vos os sentimentos.

Só depois compreendestes o que Ele desejava e, dando-vos conta do seu significado, renunciastes aos bens do mundo e aos vínculos com a família biológica, a fim de renascerdes das próprias cinzas e abraçardes a Humanidade como vossa irmã.

Desnudando-vos em plena praça, renunciastes a tudo, iniciando a trajetória pela via dolorosa, cantando os dons da pobreza e a fortuna da humildade.

Aqueles que vos conheceram anteriormente, quando jovial e extravagante, não puderam acreditar na grande revolução interna e pensaram tratar-se de alguma nova excentricidade.

Diante, porém, dos fatos grandiosos resultantes da vossa transformação, diversos deles foram buscar-vos para que lhes ensinásseis a técnica luminosa da entrega total a Jesus.

E porque nada tínheis, vós e eles buscastes refúgio entre os leprosos que se escondiam nos escombros em Rio Torto, que se transformaram no suntuoso lar de vossas residências.

Não faltaram aqueles contemporâneos que vos definiram como um bando de vagabundos e desorganizados, porque eles se encontravam asfixiados pelos gazes das utopias e falácias do corpo transitório, embora os vossos feitos em favor dos infelizes. Era, porém, a mentalidade da época de trevas e de ignorância que conseguistes iluminar.

Pedradas, humilhações de todo porte, perseguições e zombarias, fome e necessidades, conseguistes transformar em estímulo para a incomum entrega a Deus.

Quantas vezes, interrogastes: – Quanto é demasiado? ou melhor, reflexionando, pensastes: Sou eu o proprietário de minhas posses ou elas me possuem?

Acostumado antes ao conforto e ao luxo, ao poder e ao destaque entre os endinheirados, era natural que buscásseis o equilíbrio entre a posse e o possuidor, resolvendo então por nada possuídes.

Selecionastes os recursos para a empresa de santificação, utilizando-vos da não-posse como sendo a libertadora da alma.

Quando a fome derivada dos jejuns e da falta de alimentos vos excruciava a todos, vosso canto em homenagem à Irmã Alegria diminuía a tristeza geral e emoções sublimes tomavam conta de todos vós.

Buscastes com o pequeno grupo o apoio do papa Inocêncio III, o homem mais poderoso da época, mergulhado em luxo e diplomacia, pompa exorbitante e indiferença pela fé, não porque necessitáveis dele, que nada possuía para oferecer-vos em espiritualidade, mas para evitardes a pecha degradante de heresia em vossa e na conduta daqueles que vos seguiam. E apesar de tudo, o sensibilizastes pela pureza, candura e devotamento a Jesus, dele conseguindo somente uma bênção, perfeitamente dispensável, e algumas palavras de encorajamento.

Vistes ali, no Palácio de Latrão, em Roma, o anticristianismo, o burlesco, o jogo dos interesses vis, nos quais Jesus estava ausente...

As vossas palavras e exemplos tornaram-se estrelas iluminando a grande noite da Idade Média e avolumaram-se aqueles que buscavam Jesus despido das mentiras humanas e dos rituais enganosos da tradição teológica.

O vosso é o Jesus da simplicidade, da pobreza, do amor aos infelizes, da renúncia às ilusões e da sublimada entrega a Deus, não aquele a quem diziam seguir...

Quando Clara buscou o vosso auxílio, deixando para trás o mundo de fantasias, acolhestes a jovem afetuosa, sem recear o poder da sua família, tonsurando-a de imediato, para que ficasse sob a proteção da Igreja e não fosse obrigada a retornar ao século.

Intimorato guerreiro do amor, quanta coragem tínheis!

As vossas dores físicas, naqueles dias, despedaçavam o vosso corpo frágil e afligiam a alma veneranda: malária em surtos contínuos com febre

e dores estomacais, com o baço e o fígado comprometidos não conseguiram desanimar-vos...

Ao lado dessas aflições vosso corpo foi lentamente transformado num jardim, no qual passaram a desabrochar as primeiras rosas arroxeadas da hanseníase...

Suportáveis tudo com paz, cantando louvores a Deus e aos Irmãos da Natureza.

Em vossa ingenuidade, um pouco antes, pensando em converter a Jesus o sultão al-Malik-al-Kamir, viajastes ao Egito com vosso irmão Illuminatus, conseguindo dialogar com o nobre muçulmano, que acenou com a paz a Pelágio mais de uma vez, e que a recusou, redundando em tragédia a Quinta Cruzada.

Embora sentindo-vos fracassar no empenho para a conversão do monarca, buscastes os leprosos e os mais ínfimos pelos sítios por onde peregrinastes.

Com anuência do sultão gentil visitastes os lugares onde nascera, viera e morrera o Amor Incomum, fortalecendo-vos para as crucificações do futuro a que sériéis submetido.

Quando retornastes à querida Assis, já sentíeis as dores quase insuportáveis da conjuntivite

tracomatosa, muito comum no Oriente, e que atinge ainda hoje milhões de vítimas, levando-as à cegueira.

Aconselhado por frei Elias e o cardeal Ugolino, que vos amava, aceitastes em submeterdes-vos ao tratamento especial contra o tracoma em Rieti, nas mãos do médico que aqueceu dois ferros até os tornar brasas vivas e vos cegou, na ignorância presunçosa, atribuindo-se conhecimentos que não possuía, abrindo na vossa face duas imensas feridas que chegavam às orelhas. E nem sequer reclamastes, exclamando, confiante: – Oh, Irmão fogo!... Sê bondoso comigo nesta hora...

Como se não bastasse, posteriormente, a fim de estancar a purulência dos vossos ouvidos, novamente experimentastes barras de ferro em brasa que os penetraram, sem que exteriorizásseis um gemido único...

Oh! Pai Francisco!

Nas tempestades que sacudiram então o vosso trabalho e no abandono a que vos atiraram alguns daqueles que ainda amavam mais o mundo e suas mentiras, buscastes meditar nos montes Subásio e

Alverne, no último do qual Jesus crucificado, conforme ocorrera diante do crucifixo de São Damião, vos assinalou com a stigmata, que alguns negariam depois...

Quando alguém vos interrogou, posteriormente, o antigo jovem trovador reagiu, dizendo: – Cuide da sua vida.

Não desejáveis que ninguém soubesse da vossa perfeita união com Ele, o Rejeitado sublime.

Aneláveis por viver e sofrer como Ele vivera e sofrera, embora vos considerásseis inútil servo ou um homem inútil.

Com o coração trespassado pelas setas contínuas da ingratidão de muitos que agasalhastes no peito como se fossem cordeiros mansos, embora fossem serpentes venenosas que vos picaram mil vezes, assim mesmo continuastes amando-os.

Assim é o mundo com as suas mancomunações!

Os utilitaristas e a sua perversidade sempre estão presentes em todos os lugares.

Aqueles porém, que vos atraíram também morreram, Pobrezinho de Deus, e despertaram com a hanseníase na alma...

Não vós!

Ave canora que éreis, ascendestes na escala da evolução, vencendo todos os limites e dimensões do conhecimento, recebido por Ele, que vos aguardava com a ternura infinita que reserva para aqueles que O amam.

Ei-los, os ingratos, que se encontram de volta à Terra destes dias, recordando-vos, arrependidos e afáveis, buscando a reabilitação.

Apiedai-vos de todos eles, os vossos crucificadores, e amparai-os na esperança e na coragem para conseguirem a autoiluminação.

Menestrel de Deus!

Neste momento em que a Ciência e a Tecnologia soberbas falharam na tarefa de fazerem felizes os seres humanos, intercedei ao Pai por todos nós que ainda transitamos pela senda libertadora, buscando a perdida alegria que desfrutávamos ao vosso lado, naqueles inolvidáveis dias.

Pai Francisco!

Abençoei-vos, mais uma vez.

Joanna de Ângelis (Que um dia Clara de Assis).

Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na reunião mediúnica da noite de 5 de janeiro de 2011, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia

1 - Entre neblinas de ignorância, no chão lodacento de tristezas e derrotas, ao sol nascente da bonança, encontrei uma flor simples e humilde, porém, a mais perfumosa entre todas aquelas que compõem o Jardim do Cristo.

2 - A flor surgiu do limo, em terra inculta, mas com o tempo lhe deu raízes e ela desabrochou, sendo acaricida pela brisa da paz; e assim passou a exteriorizar seu perfume no espaço de todos os corações.

3 - Seu mundo era outro, feito de amor e verdade, além dos horizontes e das fronteiras, acima dos folguedos da vaidade.

Desceu ao planeta qual semente a trazer nas entranhas as cores e o aroma do céu.

4 - O sol é seu mais importante refúgio, sua fonte de inspiração, seu manancial de forças.

Nas suas asas transparentes, conseguia refletir as divinas claridades do Amor, além do espaço e do tempo.

5 - Sua religião recendia cores, paisagens naturais, aromas silvestres, cânticos primaveris, simplicidade.

Sua religião era em si um poema vivo.

Nunca deixou de cantar as maravilhas da verdadeira vida.

Um poeta solitário, solidário e feliz.

6 - Pensava: entre eu, as coisas, e os seres não deve haver distância ou distinções substanciais.

Estou me diluindo em Deus, permanecendo eu mesmo, e se Deus está em tudo, em tudo também eu estarei progressivamente; e devo expandir sempre o amor que nasce na fonte sagrada do meu coração.

7 - Pelas estradas íngremes, jamais preocupou-se com as pedras que pudessem ferir seus pés.

As pedras, espinhos e calhaus da vida formavam vistoso tapete, o tapete do sacrifício depurador.

Que importa as adversidades se sua alma repousava sempre na paz dos campos verdejantes?

Melhor mesmo é agradecer e amar sempre.

8 - Da argila – plasma de luz, em elaboração ainda enigmática para a ótica do homem terrestre, teve origem belíssimo vaso.

Dele o senhor faria uso para levar a todos os seus súditos o néctar do divino reconforto.

9 - Se bebo na fonte de meus prazeres, não me satisfaço; mas se busco o manancial de tuas alegrias, eu me realizo, Senhor!

10 - Assemelhava-se igualmente, a uma gaivota leve, delicada, corajosa e livre.

Reunindo outras gaivotas, enfeitava os céus com seus voos matinais.

Vivendo na terra, era sempre visto nos ares, desenhando com suas asas paisagens de alegria.

11 - O amor é assim: tudo vence, tudo sabe, tudo pode.

Transforma qualquer situação.

Faz sorrir ou chorar de felicidade.

Sorrir por amor é vislumbrar e transmitir as paisagens divinas da vida;

Sofre por amor é abrir o portal de ferro do egoísmo e encontrar o espaço livre e luminoso da libertação espiritual.

Não há sombras que não possam ser dissipadas pela luz;

Não há fera que não venha a ser amansada pela força do amor.

12 - Os pássaros cantores, mesmo na gaiola, cantam, e porque sabem e gostam de cantar, estão sempre livres.

Os cânticos da esperança e do júbilo descerram-
lhes novos horizontes de paz e luz.

Por isso, eles cantam.

13 - Agradabilíssima é a viagem que faço pelos
trilhos de meu mundo interior!

Quanto mais avança o comboio, mais me
enterneço com a beleza das paisagens!

14 - A noite não merece minha preocupação,
porque me ocupo com o dia.

Ainda que eu seja visitado pelo espectro das
trevas, trazendo seu cortejo sinistro, eu não
temo;

Permaneço no sublime delíquio do amor,
esperando a chegada do príncipe iluminado pelo
esplendor da alvorada.

15 - Deixe-me sozinho.

Os mercadores que passam em caravanas
carregadas de ouro e prata, me perturbam.

Deixe-me na cabana singela que aprendi a amar.

Aqui o córrego balbucia cantigas, as árvores
dançam e as crianças, brincando com o barro,

escrevem poemas que me desvanecem todos os dias.

Por favor, deixe-me no paraíso de minha pobreza.

16 - Suntuoso é o palácio

Construído pelas mãos do sacrifício,
No planalto da própria alma.

Com as pedrarias da fé e com os lírios da
humildade,

Francisco fez sua mansão e nela muitas vezes
recepcionou o Grande rei.

Nesses momentos as estrelas brilhavam mais e
toda a natureza cantava hinos de ternura e
gratidão.

17 - Misteriosa e encantadora é a magia do amor.

Enchi meu cântaro na fonte da grande aldeia.

Carreguei-os nos ombros e não senti peso,
porque meus pés me tornaram leves.

Quando ia longe encontrei-me com meu ídolo e
sentei-me para melhor contemplar sua presença.

Aí me cântaro se transformou em chama ardente
e eu não pude recuar, fui loucamente tragado pela
luz que logo invadiu o mundo.

18 - Vi o céu numa rosa orvalhada,

Vi o céu na criança que passou sorrindo,

Vi o céu na luz ofuscante do sol,

Na claridade prateada do luar,

No voejar das borboletas.

Vejo o céu nos desenhos de espuma do córrego
onde estou a meditar.

Envergonhado de ver minha veste amarrotada de
vulgaridades, fecho os olhos, dizendo:

Senhor, eu não sou digno.

Ainda assim, adormeço e tenho sonhos lindos, tão
lindos que não consigo traduzir.

Senhor, eu não sou digno.

19 - Um par de namorados caminha pela longa estrada do destino.

Por onde passam há sempre muitas diversões com as quais ela se emociona em demasia retardando a viagem.

Ele, cedendo aos desejos da companheira, sofre, porque seu coração espera a felicidade sem vacilações.

O entendimento prazeroso fora impossível, então o viandante, melancólico e solitário, sem olhar para trás, com os pés sangrando e a consciência tranquila prossegue na sua jornada de ascensão.

20 - Fui negligente em não providenciar azeite e acender a lâmpada.

Fiquei a sós, entregue às sombras.

Sofri desesperadamente.

Inimigos invadiram minha casa.

Oh! Meu Deus, deixei as portas abertas!

Não fora o amanhecer da misericórdia divina, os salteadores teriam profanado meu corpo e adulterado minha alma.

21 - Ocultei em terreno infértil a semente de meu desejo para que nunca viesse a germinar.

Ao lado construí minha cabana.

Aguardei alguns dias, e vi que minha semente havia morrido, porque a terra não apresentou qualquer sinal.

Mais tarde, porém, quando eu me achava distante, entregue às divagações de uma vida inoperante, a semente brotou, transformando-se em árvore, cujas raízes demoliram minha morada.

Aprendi, desse modo, que as energias da alma não morrem, nem devem ser estioladas, e sim desenvolvidas na atmosfera do bem.

22 - Conhecimentos e dons podem ser simples empréstimos ou conquistas superficiais; porém, a

virtude, rigorosamente considerada, é força interior, substancial, luz eterna.

23 - Uma ave molhada, trêmula, ao relento, é uma ave; nasceu para voar.

Uma pérola enterrada é uma pérola; nasceu para brilhar.

Uma flor despetalada pela violência da tempestade, continua sendo flor.

Um poema abandonado ou esquecido pela insensibilidade humana, será sempre um poema.

Assim também a alma; mesmo vestida de chagas, é centelha divina que ama e precisa ser amada.

24 - Estranho visitante, dizendo-se mercador, tirou da bolsa muitas joias e espalhou-as na mesa.

Quis vendê-las a qualquer preço, mas eu, sem perder a tranquilidade, disse-lhes:

- Eu conheço pedras preciosas e sei perfeitamente distinguir as falsas das verdadeiras.

Por acaso não sabes que o meu senhor é proprietário de inesgotável e legítima riqueza?

25 - Filho, teu coração é uma planta.

Não a deixes ressequida por falta de cuidados.

Rega-a sempre com o nutriente do amor.

Não permitas que ervas daninhas germinem no canteiro do teu destino.

Filho, tens a teu dispor sol e chuva – sabedoria e amor.

Cuida bem da tua planta.

26 - Suntuoso é o templo que frequentas, alma eleita!

Vistoso é o gazofilácio que depositas tuas oferendas.

Artístico e majestoso é o altar a que projetas teus sentimentos de comunhão e prece.

Teu coração é todo esse espaço.

Segue, pois, visitando esse oráculo de tua própria alma, e que tua vida esteja constantemente ornada com coroa de jasmim a simbolizar teu matrimônio com Deus!

27 - Um rouxinol admirava as estrelas cadentes.

Passava noites a fio contemplando o céu, à espera de algum astro errante que descesse riscando o espaço.

Numa noite cálida, quando o pássaro subiu o monte, estando as sós, fitou o azul profundo da imensidade. Subitamente percebeu o cair de uma estrela. Dessa vez o fenômeno se mostrou mais nítido.

O astro partiu em direção ao monte e o rouxinol, trêmulo de emoção, levantou as asas e tentou ir a seu encontro.

A graciosa ave, em pleno êxtase, lançou-se, pois, à luz e nela permanece para sempre.

28 - As portas da minha casa estavam fechadas, fazia tempo.

Recolhi-me, porém para diferente e necessário sono.

Senti espasmo de renovação total.

Quando, enfim, acordei, pensei que estivesse no país maravilhoso dos sonhos.

Durante a noite alguém veio e abriu as portas da minha casa. Despertando-me timidamente, fui visitado por um bando de passarinhos e eu os abracei com o coração.

Antes que agradecesse aos irmãozinhos em festa, passei a ouvir a suavíssima sonata de flauta que meus olhos, marejados de alegria, não puderam ver.

Minha voz foi embargada por inefável emoção e mesmo assim saí cantarolando entre nuvens coloridas.

Vibra em minha alma uma música sem princípio nem fim.